

"FOSCA", ABERTURA DE TEMPORADA

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

"Fosca" tem um valor intrínseco excepcional. Música linda e forte, com que um espírito, que a estupidez dos homens ainda não desiludira de sua generosidade, pretendeu se elevar acima de si mesmo e do seu tempo. Não é mais executada na Europa? Isso não quer dizer coisíssima nenhuma. Ela se iguala a muitas óperas ainda executadas de Verdi, Bellini, Weber ou Wagner. Mas é que estas são levadas ainda, não pelo que valem apenas, mas pela projeção do gênio que as fez. E os citei eram todos gênios de primeira grandeza — o que Carlos Gomes não foi.

"Além desse fenômeno de projeção da genialidade, que cria interesse pelas obras secundárias dos gênios, há o fato social importantíssimo de Carlos Gomes ser brasileiro". E assim por diante. Este parágrafo pertence a Mário de Andrade, o polígrafo admirável, que expendeu longo estudo sobre "Fosca", em realidade o mais acurado que já se escreveu a respeito.

Mas não estou aqui para erudições de gabinete. E o espaço desta coluna prescreve brevidade. Vamos, portanto, ao que interessa. O TM abriu suas portas para a mini temporada lírica, empresada por Alfredo Gagliotti, funcionando o maestro Armando Belardi como diretor artístico. 1973 demarca o primeiro centenário da "Fosca", melodrama de Antonio Carlos Gomes, destacado para inaugurar a "saison".

É lógico que a iniciativa somente merece aplausos, como parabéns sempre merecem as coisas válidas, estudadas, pensadas em profundidade, decididas a tempo e hora. Mais uma vez o Departamento Municipal de Cultura falhou. De fato, em outubro de 1972, foi convocada reunião no Gabinete do secretário de Educação e Cultura, que anunciou os planos para a temporada do corrente ano. Ora, de duas uma: ou a Municipalidade faria ela própria, sem interferência de terceiros, ou abriria concorrência... sempre a tempo e hora. Mas para os técnicos do Ibirapuera essa expressão parece assumir diferente sentido. Assim, o Edital somente foi publicado — salvo engano — já no segundo semestre! Por via de consequên-

cia, tudo marcha apressadamente, como ficou demonstrado pela reposição da "Fosca", cujo papel-título incumbiu o soprano dramático Ida Micolis, que atingiu belos momentos climáticos, ao lado de uma contrapartida de limitações vocais, histriônicas, de efeitos contraproducentes para o rendimento teatral de seu papel. No de Délia, reapareceu o soprano dramático Agnes Ayres, de alguns anos a esta parte afastada da ribalta, mas ostentando razoável comporta-

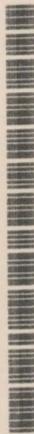
mento vocal, na linha interpretativa de sua colega.

O baixo Mário Rinaudo, na personificação de Gajolo, irmão de Fosca, pirata de Istria, chefe dos corsários, destacou-se magnificamente por sua voz firme, ampla, bem timbrada. Coube ao barítono Costanzo Mascitti encarnar Cambro, escravo veneziano. Também ele esteve algum tempo ausente do nosso teatro máximo. Assumiu comportamento aceitável: mercê de sua grande experiência da ribalta. Os baixos Sebastião Sabiá, como Michele Giotti, senador veneziano; e Benedito Silva, como o Doge de Veneza, também destoaram, em suas episódicas intervenções.

Cenários razoáveis. Direção cênica ausente. Tinha-se impressão de que os intérpretes estavam entregues a si mesmos, circunstância talvez explicável pelo aodamento do preparo do belíssimo melodrama. O coro, preparado pelo maestro Marcelo Mechetti, teve bom papel.

Ao veterano maestro Armando Belardi foi confiada a regência do espetáculo. Mercê do seu comprovado tirocinio, conseguiu evitar desencontros maiores entre o fôso da orquestra e o desenrolar vocal do palco. Seus "tempi" e fraseado deixaram os artistas respirar — coisa deveras importante! Mas há que sublinhar a circunstância de um destaque devido quanto às múltiplas belezas dessa partitura gigantesca, necessitada de encurtamentos nem sempre exequíveis. Na récita dominical, "Fosca" estendeu-se das 16 às 20 horas, enquanto a de gala começou às 21.15 h, após um desnecessário Hino Nacional, e atingiu a uma hora da manhã! Como resultado, às 24h, metade da Casa havia debandado, por exaustão, após um dia de trabalho.

Biblioteca Centro de Memória - Unicaap



CMUHE010012